



v.14, n.1, 2017
Setembro-Dezembro
Dossiê 150, 100, 50

**MARX, DAS KAPITAL E A REVOLUÇÃO RUSSA: NOTAS
A PARTIR DE “LA RIVOLUZIONE CONTRO IL CAPITALE”
DE GRAMSCI**
[MARX, DAS KAPITAL AND THE RUSSIAN REVOLUTION:
NOTES FROM GRAMSCI’S “LA RIVOLUZIONE CONTRO
IL CAPITALE”]

Paulo Fernando Rocha Antunes
Universidade de Lisboa, Portugal
E-mail: pauloantunes@campus.ul.pt

RESUMO ABSTRACT

O presente texto aproveita o ensejo proporcionado pela passagem dos 150 anos do lançamento do Livro I de Das Kapital de Karl Marx e dos 100 anos da Revolução Russa. A propósito recupera um artigo de juventude de Antonio Gramsci – La Rivoluzione contro il Capitale (1918) –, alusivo a ambas. A partir do anunciado confronta a conceção gramsciana – que propõe o antagonismo entre Das Kapital e a Revolução Russa –, com a respetiva obra, e outros escritos, de Marx. Outrossim, aproveita a presente recuperação como uma via possível para a discussão do chamado “etapismo”.

This text takes advantage of the opportunity provided by the 150th anniversary of Book I of Das Kapital by Karl Marx and the 100th anniversary of the Russian Revolution. By the way it recovers an article of youth from Antonio Gramsci – La Rivoluzione contro il Capitale (1918) –, allusive to both. From the announced this text confronts the Gramscian conception – that proposes the antagonism between Das Kapital and the Russian Revolution –, with the respective work, and other writings, of Marx. Moreover, it takes advantage of the present recovery as a possible route for the discussion of the so-called “stagism”.

PALAVRAS-CHAVE KEYWORDS

Capitalismo. Etapismo. Capitalism. Multilinearism.
Esquematismo. Multilinearismo. Revolution. Schematism.
Revolução. Stagism.

Ele [o crítico – Mikhailovski –,] sente-se obrigado a metamorfosear [métamorphoser] o meu esboço histórico da gênese do capitalismo na Europa Ocidental [esquisse historique de la genèse du capitalisme dans l'Europe occidentale] numa teoria histórico-filosófica da marcha geral [marche générale] que o destino impõe a todos os povos, quaisquer que sejam as circunstâncias históricas em que eles se encontrem, a fim de que se possa chegar finalmente a essa formação económica que assegura, junto ao maior desenvolvimento as capacidades produtivas do trabalho social, o mais completo desenvolvimento do produtor individual. Mas eu peço-lhe desculpas. (Ele está simultaneamente a honrar-me e a desonrar-me excessivamente). Marx, 1877.

Por exemplo, não pode ser mais estereotipada a argumentação usada por eles [democratas pequeno-burgueses], que aprenderam de memória na época do desenvolvimento da social-democracia da Europa Ocidental, e que consiste no facto de que nós [na Rússia] não estamos maduros para o socialismo, de que não existem no nosso país, segundo a expressão de vários “doutos” senhores dentre eles, as premissas económicas objetivas para o socialismo. E não passa pela cabeça de nenhum deles perguntar: não podia um povo que se encontrou numa situação revolucionária como a que se criou durante a primeira guerra imperialista, não podia ele, sob a influência da sua situação sem saída, lançar-se numa luta que lhe abrisse pelo menos algumas possibilidades de conquistar para si condições que não são de todo habituais para o crescimento ulterior da civilização? Lenin, 1923.

1 Notas introdutórias

O presente texto aproveita o ensejo proporcionado pela passagem dos 150 anos do lançamento do Livro I de *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie* – junto com o Livro II e III, o maior legado teórico de Karl Marx (1818-1883) – e dos 100 anos da Revolução Russa, para amalgamar, passe a expressão, uma reflexão em torno do tema: “Marx, *Das Kapital* e a Revolução Russa”.

Foi com agrado que vimos a possibilidade de conciliar as duas efemérides, e, a propósito, com vista a conferir sentido à amálgama – sem por isso se tratar de uma comparação exaustiva entre aquela obra e aquele evento, mas também não se tratando de um exercício de “balfo” anacronismo –, recuperar um artigo de juventude de Antonio Gramsci (1891-1937) – *La Rivoluzione contro il Capitale* (1918)¹ –, alusivo a ambas².

1 Artigo assinado pelo autor e publicado no *Avanti*, edição de Milão, data de 24 de novembro de 1917, tendo passado pela censura. Mais tarde foi reproduzido pelo *Il Grido del Popolo*, a 5 de janeiro de 1918.

2 Adverte-se, desde já, de que aqui não estará em causa a aparelhagem prático-idealista que subjaz à conceção gramsciana (cf., por exemplo, BARATA-MOURA, 1986, pp. 25-34), nem a análise das suas principais influências à época, nomeadamente, o italiano Benedetto Croce (1866-1952, cf., por exemplo, WILLIAMS, 1975, p. 91) e o francês Georges Sorel (1847-1922); nem estará em causa o escrutínio de fundo da matriz dominante na II Internacional (1889-1916), o chamado “marxismo vulgar” ou “ortodoxo”, com quem, estamos certos, o revolucionário italiano dialogava. Ademais, tenha-se o seguinte em consideração: «Quando a revolução russa de outubro de 1917 ocorreu, Gramsci começou a ler Marx “fora de interesse intelectual”. Ele não era nem um marxologista, nem um marxista académico, nem mesmo tinha um profundo conhecimento das obras de Marx (como, por exemplo, os seus contemporâneos alemães Rosa Luxemburg [1871-1919] ou

Contamos, a partir do anunciado, nas notas possíveis dado o espaço proporcionado, confrontar a concepção gramsciana – que propõe o antagonismo entre *Das Kapital* e a Revolução Russa –, com a respetiva obra, e outros escritos, de Marx. Outrossim, considerou-se a presente recuperação como uma via possível para a discussão do chamado “progresso por etapas fixas” (para nossa comodidade, doravante: “etapismo”, cf. BLUNDEN, 1999-2008).

2 A Revolução contra *Das Kapital*

Apesar de o artigo de Gramsci conter material suficiente para merecer mais extenso e apurado comentário, ainda que seja um texto de poucas páginas, limitamos a confrontação ao seu excerto mais incisivo. Entendemos que este seja suficiente para o objetivo acima anunciado. Lê-se assim:

A revolução dos bolcheviques materializou-se mais em ideologia do que em factos. (Por isso, no fundo, importa-nos saber pouco mais do que aquilo que já sabemos.) É a revolução contra *O Capital* de Karl Marx. *O Capital* de Marx era, na Rússia, o livro dos burgueses mais do que dos proletários. Era a demonstração crítica da necessidade fatal [*fatale necessità*] de que na Rússia devia formar-se uma burguesia, iniciar-se uma era capitalista, iniciar-se uma civilização de tipo ocidental, antes que o proletariado pudesse pensar sequer no seu socorro, nas suas reivindicações de classe, na sua revolução. Os factos superam as ideologias. Os factos reinventaram os esquemas críticos segundo os quais a história da Rússia deveria desenvolver-se de acordo com os cânones do materialismo histórico [*canoni del materialismo storico*]. Os bolcheviques desmentem Karl Marx ao afirmarem, com o testemunho da ação desenvolvida e das conquistas realizadas, que os cânones do materialismo histórico não são tão férreos [*feroci*] como se poderia pensar ou se teria pensado (GRAMSCI, 1918³).

Karl Kautsky [1854-1938], ou [Vladimir] Lenin [1870-1924] na Rússia revolucionária). Gramsci era um revolucionário socialista incipiente que foi movido acima de tudo pelo espírito de rebelião e que teve consciência do deslocamento da época assinalado pela guerra em andamento.» - «When the Russian Revolution of October 1917 occurred, Gramsci had begun reading Marx ‘out of intellectual interest’. He was neither a Marxologist, nor an academic Marxist, nor even did he have a thorough knowledge of Marx’s works (as did, for example, his German contemporaries Rosa Luxemburg or Karl Kautsky, or Lenin in revolutionary Russia). Gramsci was a fledgling revolutionary socialist who was moved above all by the spirit of rebellion, and who had an awareness of the epochal shift signalled by the war then in progress.» (BUEY, 2014, p. 73, cita-se a partir de edição inglesa à falta da versão original).

3 «La rivoluzione dei bolscevichi è materiata di ideologie più che di fatti. (perciò, in fondo, poco ci importa sapere più di quanto sappiamo). Essa è la rivoluzione contro il *Capitale* di Carlo Marx. Il *Capitale* di Marx era, in Russia, il libro dei borghesi, più che dei proletari. Era la dimostrazione critica della fatale necessità che in Russia si formasse una borghesia, si iniziasse un’era capitalistica, si instaurasse una civiltà di tipo occidentale, prima che il proletariato potesse neppure pensare alla sua riscossa, alle sue rivendicazioni di classe, alla sua rivoluzione. I fatti hanno superato le ideologie. I fatti hanno fatto scoppiare gli schemi critici entro i quali la storia della Russia avrebbe dovuto svolgersi secondo i canoni del materialismo storico. I bolscevichi rinnegano Carlo Marx, affermano con la testimonianza dell’azione esplicata, delle conquiste realizzate, che i canoni del materialismo storico non sono così feroci come si potrebbe pensare e come si è pensato.»

ANTUNES, P. F. R. Marx, *Das Kapital* e a Revolução Russa. p. 23-45.



Gramsci ilustra deste modo a concepção (que não é apenas dele) que propõe o antagonismo entre *Das Kapital* e a Revolução Russa. Resumindo, este antagonismo baseia-se na seguinte consideração: a Revolução está contra *Das Kapital* na medida em que se supõe que esta obra apresenta um “esquema férreo” (entenda-se, cânone férreo) no qual deve caber (e o problema reside em não ter cabido, mas também não vir a caber) o desenvolvimento de todas as nações.

Assim, se o capitalismo parecia ter sido descrito como “etapa” histórica subsequente ao feudalismo e parecia facultar agora as condições para haver socialismo, então, todas as nações teriam de passar por um processo semelhante para chegar ao socialismo (do escravagismo ao feudalismo, deste, ao capitalismo, etc.). O mesmo se deveria processar numa nação como a Rússia, nação que ainda não tinha chegado propriamente ao capitalismo.

Não se pode dizer, pelo menos para já, que este entendimento, já descrito como “etapista”⁴, não encontrasse *prima facie* suporte suficiente em algumas passagens da obra de Marx. Por exemplo, logo no prefácio da primeira edição, o autor alemão afirma:

O que eu tenho de investigar nesta obra é o modo de produção capitalista [*kapitalistische Produktionsweise*] e as relações de produção [*Verkehrsverhältnisse*] e de troca que lhe correspondem. [...] Em si e para si, não se trata do grau maior ou menor de desenvolvimento dos antagonismos sociais, os quais provêm das leis naturais [*Naturgesetzen*] da produção capitalista. Trata-se dessas próprias leis, dessas tendências que operam e se impõem com férrea necessidade [*eherner Notwendigkeit*]. O país industrialmente mais desenvolvido mostra ao menos desenvolvido apenas a imagem do seu próprio futuro (1962, p. 12⁵).

Destacam-se desde logo expressões como “leis naturais” e “férrea necessidade”, o que parece ir ao encontro de uma “necessidade fatal” e de um “esquema férreo”; mas também se destaca a imagem ilustrada pelo papel do “país industrialmente mais desenvolvido”, cotejando-a com a suposta obrigação de se iniciar “uma civilização de tipo ocidental”; quer

4 A concepção que se encontra por detrás deste entendimento, e não cabe aqui maior desenvolvimento, é, em rigor, uma derivação “evolucionista”, ou seja, apela a um desenvolvimento gradual por “etapas naturais” sucessivas, para o caso, “etapas sociais”. Esta concepção será tributária de Lewis Henry Morgan (1818-1881, cf., por exemplo, 1982, p. 29; e, KEEFER, 2010), autor sobre o qual Marx deixou apontamentos (cf. KRADER, 1974, pp. 6-31), postumamente aproveitados por Friedrich Engels (1820-1895) para escrever o seu *Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats* (1884), obra criticada por diversos autores que a consideraram padecer da concepção acima referida.

5 «Was ich in diesem Werk zu erforschen habe, ist die kapitalistische Produktionsweise und die ihr entsprechenden Produktions- und Verkehrsverhältnisse, [...] An und für sich handelt es sich nicht um den höheren oder niedrigeren Entwicklungsgrad der gesellschaftlichen Antagonismen, welche aus den Naturgesetzen der kapitalistischen Produktion entspringen. Es handelt sich um diese Gesetze selbst, um diese mit eherner Notwendigkeit wirkenden und sich durchsetzenden Tendenzen. Das industriell entwickeltere Land zeigt dem minder entwickelten nur das Bild der eignen Zukunft.» A tradução das passagens de *Das Kapital* baseia-se na edição: Marx. *O Capital. Crítica da Economia Política*. Tradução de José Barata-Moura et al. Moscovo-Lisboa: Edições Progresso-Edições «Avante!», 1990-1997; livro I, tomo 1-3.

ANTUNES, P. F. R. Marx, Das Kapital e a Revolução Russa. p. 23-45.



uma, quer outra, denunciadas por Gramsci.

Tomemos, na sequência, o famoso 24.º capítulo do Livro I de *Das Kapital*, dado que foi assaz utilizado por diversos detratores de Marx, mas também por diversos defensores, para sustentar uma posição semelhante à de Gramsci (ele também devia ter este capítulo em mente quando escreveu o seu artigo).

Este capítulo trata de uma descrição histórica da génese da acumulação capitalista (*kapitalistischen Akkumulation*), sem aparentemente ter em conta as peculiaridades nacionais, pelo menos no que parece remeter para a chamada “periferia” dos países mais “desenvolvidos”. Vejamos:

A expropriação do produtor rural, do camponês, da terra forma a base de todo o processo [*die Grundlage des ganzen Prozesses*]. A sua história assume coloração diversa em diversos países e percorre as diversas fases em sequência diversa e em diversas épocas da história. Apenas a Inglaterra, que por isso tomamos como exemplo, possui forma clássica [*klassische Form*] (MARX, 1962, p. 744 ⁶).

À primeira vista, parece que se confirma que a todas as outras nações competia adequar-se ao exemplo “clássico” inglês: mais tarde ou mais cedo todas as nações seriam como a Inglaterra capitalista, ainda que pudessem lá chegar por diversas vias.

Era desta maneira que se entendiam os ditos “cânones do materialismo histórico” – a “ideologia” a superar –, isto é, como uma bateria de enunciados “etapistas”, o que, neste contexto, pode ser o mesmo que dizer: “teleológicos”, “deterministas” ou, para especificar, “economicistas” ⁷. No fundo, uma *teoria histórico-filosófica geral, supra-histórica*, visto que generalizava minorando o papel das particularidades nacionais e épocas históricas e absolutizava a generalização enfatizando apenas um fator – o económico.

Deste modo, a *magnum opus* de Marx não poderia descrever credivelmente o que se passava na Rússia czarista, como já enunciado: esta nação ainda se encontrava industrialmente atrasada, ainda continha vestígios feudais. Para que as suas teses pudessem estar corretas, era preciso que “o país dos czares” evoluísse até um estágio capitalista suficientemente desenvolvido, isto é, para que se pudesse perspetivar o socialismo a partir das contradições inerentes ao modo de produção capitalista e do recrudescimento do proletariado, já presentes a Ocidente.

6 «Die Expropriation des ländlichen Produzenten, des Bauern, von Grund und Boden bildet die Grundlage des ganzen Prozesses. Ihre Geschichte nimmt in verschiedenen Ländern verschiedene Färbung an und durchläuft die verschiedenen Phasen in verschiedener Reihenfolge und in verschiedenen Geschichtsepochen. Nur in England, das wir daher als Beispiel nehmen, besitzt sie klassische Form.»

7 Gramsci criticava com igual fervor o que entendia ser uma visão que insistia nos “factos económicos brutos” (*fatti economici bruti*, cf. 1918). Como sublinha Diego Fusaro (1983-), o seu artigo tornou-se uma crítica emblemática ao “economismo determinístico” (*economicismo determinístico*, cf. 2015, p. 46). Adverte-se ainda, de que aqui não cabe destrinçar as diferenças existentes entre cada um daqueles conceitos, porquanto aqui são tomados como sinónimos.



É, também por isso, que, segundo o autor italiano, *Das Kapital* se apresentava como o “livro dos burgueses”: estes deviam ver com agrado o desenvolvimento rumo ao capitalismo, mesmo que como “mera” etapa transitória (supõe-se que tal objetivo só pudesse significar o constante procrastinar da transição para o socialismo...).

No entanto, o facto estonteante da Revolução Russa desmentiria tais “cânonos” – tal “férrea necessidade” à la Marx –, que alegadamente enclausuravam a diversidade e as possibilidades históricas nacionais numa mesma e inabalável “marcha geral”. Os bolcheviques rompiam agora com as “etapas” e nada se passava como apresentava a obra⁸.

Apesar de tudo, Gramsci não pretendia “cruxificar” Marx no “altar do socialismo”, passe a expressão, para isso bastaria consultar o seu artigo, publicado uns meses depois, *Il nostro Marx* (1918). O revolucionário italiano entendia que os bolcheviques, não obstante os “desmentidos”, estariam a dar aso ao que havia de “imane e vivificante” (*immanente vivificatore*) no pensamento do alemão (cf. GRAMSCI, 1918)⁹. De facto, *Das Kapital* é que estava em causa e era nesta obra que parecia formular-se em definitivo o famigerado carácter “férreo” do marxismo¹⁰.

⁸ O que assume traços de acentuada ironia se se recordar que foi com o conhecido texto de Josef Stalin (1878-1953) – *Sobre o Materialismo Dialéctico e o Materialismo Histórico* (1938) – que a questão “oficial” das etapas parece ter passado a “lei” em parte do movimento comunista internacional. Neste texto é “consagrado” o seguinte: «A história conhece cinco tipos fundamentais de relações de produção: o comunismo primitivo, o escravagismo, o feudalismo, o capitalismo e o socialismo.» (cf. STALIN, 1938), aparentemente não havendo lugar a outros desenvolvimentos. No entanto, mais haveria a trabalhar sobre o texto para que se pudesse compreender o seu mais amplo sentido, obviamente, sem descurar as insuficiências teóricas do georgiano.

⁹ Ainda que o italiano reconhecesse a imprecisão das informações que chegavam a Itália sobre a Revolução (cf. *apud* FIORI, 1991, p. 130) e muito ignorasse (cf. WILLIAMS, 1975, p. 31), pode resumir-se assim o papel que acreditaria desempenhar: «[...] no seu comentário, Gramsci levanta, pelo menos, dois problemas essenciais, a saber: que o marxismo não é uma teoria ou um dogma definitivo [...]; que a revolução tal como foi preconizada, codificada, sistematizada, [...] pode escapar aos critérios imediatos enunciados através de uma tal *problemática de tipo determinista*, e eclodir, assim, de acordo com uma orientação e uma forma que lhe são específicas: as suas condições históricas.» (*sublinhados nossos*, GRISONI; MAGGIORI, 1974, p. 119, socorremo-nos da tradução portuguesa).

¹⁰ Não é por acaso que noutro contexto em que também se critica uma chamada “pureza” (*purity*) marxista, o autor Teodor Shanin (1930-), se refira da seguinte maneira ao texto do revolucionário italiano: como Gramsci *acertadamente dramatizou* como a “revolução contra *O Capital*” (... *rightly dramatised as the ‘revolution contrary to Das Kapital’*, SHANIN, 1983b, p. 254). O sociólogo britânico, de origem lituana, continuava: «É por isso que – seguindo essa linha de pensamento – Gramsci atacou a epistemologia positivista marxista [*Marxist positivist epistemology*] da sua época como a ‘tendência degenerada (...) que consiste em reduzir uma concepção do mundo a uma fórmula mecânica que dá a impressão de manter toda a história na palma da sua mão’ – um “infantilismo primitivo”. Ele concluiu que ‘é o próprio conceito de “ciência”, tal como emerge (do livro de texto da sociologia marxista de [Nikolai] Bukharin [1888-1938] – acrescenta o britânico –, que exige ser destruído criticamente por ter sido enraizado e derivado das ciências naturais, como se fosse a única ciência ou a ciência *par excellence*, conforme decretado pelo positivismo.’» - «That is why – following that line of thought – Gramsci attacked Marxist positivist epistemology of his day as the ‘degenerate tendency ... which consists in reducing a conception of the world to mechanical formula which gives the impression of holding the whole of history in the palm of its hand’ – a ‘primitive infantilism’. He concluded that ‘it is the very concept of “science” as it emerges [from Bukharin’s textbook of marxist sociology] which requires to be critically destroyed for it has been taken root

3 *Das Kapital* e a Revolução

Todavia, o que é sustentado no artigo não parece resistir a um escrutínio mais atento (o que Gramsci terá tentado noutros escritos posteriores ¹¹): o “antagonismo” denunciado assoma inconsistente.

Retomemos a passagem citada a partir do prefácio à primeira edição de *Das Kapital*, o seguinte ficou em suspenso:

O seu lugar clássico [do capitalismo] tem sido, até agora, a Inglaterra. Esta é a razão pela qual ela serve de ilustração principal [*Hauptillustration*] do meu desenvolvimento teórico. Se, contudo, o leitor alemão farisaicamente encolher os ombros ante a situação dos operários ingleses da indústria e da agricultura ou se optimistamente tranquilizar-se porque na Alemanha durante muito tempo as coisas ainda não estarão tão más, terei de lhe lembrar: *De te fabula narratur!* [“Mudado o nome é de ti que a história fala” – das fábulas de Horácio – acrescentado pela edição portuguesa –] (1962, p. 12 ¹²).

Aqui, completado pelo acima citado, parece que mais não é afirmado do que a Inglaterra como o país à época mais desenvolvido no que diz respeito ao modo de produção capitalista; e, que as nações – para o caso a Alemanha – que estivessem, ou entrassem, dentro do mesmo modo de produção, logo seguiriam as mesmas leis de desenvolvimento (esta é uma ideia recorrente ao longo da obra). Com efeito, não é dito que todas as nações estejam condenadas a seguir tais leis, seguramente, sem que antes entrem nos meandros de um mesmo modo de produção (SAYER; CORRIGAN, 1983, p. 79).

É isso que Marx pretende ilustrar quando afirma que uma nação *não pode nem saltar por cima nem pôr de lado por decreto fases naturais de desenvolvimento* (cf. 1962, p. 16), logo que entre num determinado processo ¹³. O que também não quer dizer que, uma

and branch from the natural sciences, as if this were the only science or science *par excellence*, as decreed by positivism.’» (1983b, p. 260). Desta maneira, o marxismo – entendido a partir do Livro I de *Das Kapital* – apresentava-se como uma versão de “positivismo” e “mecanicismo”, aparentemente revolucionários. Contudo, não podemos deixar passar, sem chamar a atenção, a convocação da obra *A Teoria do Materialismo Histórico. Manual Popular de Sociologia Marxista* (1921) de Bukharin, publicada em 1921, e que Gramsci ainda não combatia em 1918, para além de que não se deve confundir o que é dito a partir de Marx com o que Marx de facto disse.

11 Por exemplo, em parte dos *Quaderni del carcere* (1929-1935).

12 «[...] Ihre klassische Stätte ist bis jetzt England. Dies der Grund, warum es zur Hauptillustration meiner theoretischen Entwicklung dient. Sollte jedoch der deutsche Leser pharisäisch die Achseln zucken über die Zustände der englischen Industrie- und Ackerbauarbeiter oder sich optimistisch dabei beruhigen, daß in Deutschland die Sachen noch lange nicht so schlimm stehn, so muß ich ihm zurufen: *De te fabula narratur!*»

13 Neste contexto, “natural” significa *caraterísticas inerentes a algo* – para o caso socioeconómico, à maneira como os indivíduos produzem os meios da sua vida e a maneira como o fazem condicionará certas caraterísticas sociais e individuais (cf. MARX-ENGELS, 1978a, p. 21) –, ao invés de uma imposição da Natureza. Comparemos com o que Marx considera acertadamente recenseado acerca da sua obra (apesar do recenseador ser um crítico do papel da dialética), coloca-o no posfácio da 2.^a edição alemã de *Das Kapital* (1873): «Mas, dir-se-á, as leis gerais da



vez entrando no mesmo processo, as nações se desenvolvam todas da mesma maneira e na mesma direção ¹⁴.

Sem desculpabilizar o autor italiano, o mais provável é que o essencial deste debate venha numa nota de rodapé, passando quase despercebido:

Para conceber o objeto da investigação [*den Gegenstand der Untersuchung*] na sua pureza [a questão essencial do capitalismo – a mais-valia, *Mehrwert*], livre de circunstâncias secundárias perturbadoras, *temos de encarar aqui o mundo do comércio total como uma nação, e de pressupor* [*voraussetzen*] *que a produção capitalista se estabeleceu em todo o lado e se apoderou de todos os ramos da indústria* (sublinhados nossos, MARX, 1962, p. 662 n. ¹⁵).

Quer dizer, o que o revolucionário alemão parece alertar é que a sua reflexão *pressupõe* uma mundialização capitalista (hoje já praticamente completa) e não que tudo o que ali é referido seja válido para todo o caso. Assim sendo, trata-se do máximo escrutínio do que uma nação ou uma mundialização capitalista *foram, são ou podem vir a ser* dado o desenvolvimento até então registado. A leitura de *Das Kapital* pressupõe, para efeitos analíticos, este tipo de exercício.

Quanto ao excerto utilizado do 24.º capítulo da obra em questão, o que reza parece ser o seguinte:

Ela [a expropriação] ainda só se efetuou de uma maneira radical em Inglaterra: este país desempenhará portanto o papel principal no nosso esboço [*esquisse*]. Mas todos os outros países da Europa Ocidental percorrem o mesmo movimento, se bem que, de acordo com o meio, ele mude de cor local [*couleur locale*], ou se encerre num círculo mais estreito, ou apresente um carácter menos fortemente pronunciado, ou siga uma ordem de sucessão diferente (MARX, 1875, p. 315 ¹⁶).

vida económica são só umas, sempre as mesmas, quer se apliquem ao presente ou ao passado. É precisamente isto que Marx contesta; para ele estas leis abstratas não existem ... pelo contrário, segundo ele, cada período histórico tem as suas próprias leis ... Desde que a vida saiu de um determinado período de desenvolvimento, desde que passa de uma fase a outra, começa também a ser regida por outras leis.» - «Aber, wird man sagen, die allgemeinen Gesetze des ökonomischen Lebens sind ein und dieselben; ganz gleichgültig, ob man sie auf Gegenwart oder Vergangenheit anwendet. Grade das leugnet Marx. Nach ihm existieren solche abstrakte Gesetze nicht... Nach seiner Meinung besitzt im Gegenteil jede historische Periode ihre eignen Gesetze... Sobald das Leben eine gegebene Entwicklungsperiode überlebt hat, aus einem gegebenen Stadium in ein andres übertritt, beginnt es auch durch andre Gesetze gelenkt zu werden.» (Illarión KAUFMANN *apud* MARX, 1962, p. 26). Pode ser resumido desta maneira o significado das “leis naturais” de um modo de produção.

14 Para exemplificar como as peculiaridades nacionais, mas também da produção, são tidas em conta por Marx, cf., 1962, pp. 327-328, 414; e, MARX-ENGELS, 1978b.

15 «Umden Gegenstand der Untersuchung in seiner Reinheit, frei von störenden Nebenumständen aufzufassen, müssen wir hier die gesamte Handelswelt als eine Nation ansehen und voraussetzen, daß die kapitalistische Produktion sich überall festgesetzt und sich aller Industriezweige bemächtigt hat.»

16 «Elle [expropriation] ne s'est encore accomplie d'une manière radical qu'en Angleterre:

ANTUNES, P. F. R. Marx, Das Kapital e a Revolução Russa. p. 23-45.



Aqui, no que diz respeito à expropriação pré-capitalista, Marx refere-se apenas à Europa Ocidental e não à “periferia” desta e ainda menos a todo o mundo. De facto, o que está em causa é que as mudanças de “cor local” não deixam de fazer parte de um mesmo processo, visto que tais nações partilham as mesmas “leis”.

O que não quer dizer que só nos anos de 1870 o autor se tenha apercebido de que aquilo que dizia anteriormente não lograva “validade universal”.

O alemão terá percebido que não bastava sugerir, para efeitos analíticos, a mundialização do comércio capitalista, nem o mundo como “Inglaterra” (exemplo “clássico”). Foi preciso torná-lo ainda mais claro, isto é, destacar que todo o processo pelo qual a Europa Ocidental passou, somente a ela concerne (postas de parte questões como as coloniais); embora este fosse um processo em expansão e o dominante enquanto modo de produção, isso não queria dizer que noutra(s) lugar(es) não fosse(m) possível(is) outro(s) desenvolvimento(s).

Ora bem, Marx não tinha como atender à totalidade das peculiaridades das diversas nações (tarefa seguramente sobre-humana), sob o risco de se perder a compreensão geral do sistema capitalista (o objetivo da obra) e de se perder em catalogações infundas. Pelo que foi visto, nem sequer se tinha proposto a tal. Aliás, logo no prefácio citado, o autor não disse mais do que “o que eu tenho de investigar nesta obra é o modo de produção capitalista”, nada mais. Mas também seria impossível compactar a generalidade dos desenvolvimentos capitalistas nacionais numa só obra (mesmo em vários volumes) e publicá-la atempadamente (é sabido que não conseguiu sequer publicar a tempo aquilo a que se propôs).

As célebres passagens com que Marx fecha o polémico 24.º capítulo – afirmando a longa expropriação do pequeno proprietário isolado pelos capitalistas, destes, uns pelos outros, e a possibilidade aberta para a expropriação destes usurpadores pela massa do povo (cf. 1962, p. 791) –, não logram validade para além das nações que entrem, ou já estejam dentro, nas “leis imanentes” ou “naturais” do sistema capitalista, à época, fundamentalmente reduzido à Europa Ocidental ¹⁷. Tais passagens não representam qualquer “profecia” para

ce pays jouera done nécessairement le premier role dans notre esquisse. Mais tous les autres pays de l'Europe occidentale parcourent le meme mouvement, bien que selon le milieu il change de couleur locale, ou se resserre dans un cercle plus étroit, ou présense un caractère moins fortement prononce, ou suive un ordre de succession different.» Esta versão reformula a passagem que usámos mais atrás, mas agora apresentada na forma que assumiu na edição francesa de 1872-5 de *Das Kapital*, edição que não se tratou apenas de uma tradução. A versão “final” do Livro I foi durante muitos anos a da 4.ª edição alemã (1890) lançada postumamente e à responsabilidade de Engels. Hoje, dado que este autor fez algumas escolhas quanto às reformulações finais deixadas pelo amigo, entende-se recuperar outras versões, como a da edição francesa, revista por Marx e pelo próprio complementada. Ainda que não concordemos com a totalidade do que é avançado por Kevin B. Anderson (1948-), vejamos como o autor esclarece a importância dessa edição de *Das Kapital* (cf. 1983; 2010, passim; e, ainda, WADA, 1983, pp. 46-47, para algumas reformulações relevantes da 1.ª edição alemã para a 2.ª de 1873).

17 Para um exemplo da importância de uma comparação entre a primeira edição de *Das Kapital* e a sua versão francesa especificamente no que diz respeito ao 24.º capítulo, cf., mais uma vez, ANDERSON, 1983, p. 72. Para comodidade da compreensão, antecipamos o sentido de dois textos a que iremos recorrer adiante: é pelo acima registado que Marx vai assinalar que restringiu



as restantes nações.

Posto isto, as ousadas declarações de Gramsci acabaram por não granjear o rigor que exigiam, exceto no sentido de uma crítica ao evidente “etapismo” da II Internacional (aqui, sem a merecida comparação). Para o efeito, bastará analisar o que foi dito e escrito pelos seus mais proeminentes representantes para se encontrar aí o tal “esquema férreo”, por sinal, pouco fiel a Marx¹⁸. No autor alemão não se encontra qualquer “esquema” para as revoluções.

É, por isso, que o italiano falha por não deixar patente que o entendimento crítico que faz da obra é feito a partir do “marxismo” coetâneo, apesar de parecer querer resgatar um “Marx” *além* de *Das Kapital*. Na verdade, esta obra parece só poder ser entendida de tal maneira se se ignorar o seu sentido (aqui, *grosso modo*, abordado), da restante obra de Marx (veremos parte dela adiante), mas também de Engels¹⁹, e uma série de textos póstumos do(s) autor(es). Portanto, Gramsci não terá “descoberto a pólvora” da conceção marxista como alguns autores deram a entender (cf., BUEY, 2014, p. 74; e, nota 9)²⁰.

expressamente tal “fatalidade histórica” (*fatalité historique*) aos países da Europa Ocidental, nada mais (cf. 1985a, p. 115; e, 1985b, p. 231). O que não se regista por alguma condenação histórica, ao invés, porque as nações foram caindo nas malhas do sistema capitalista, devido também à maneira como este se processa globalmente (*maneira* amplamente estudada na obra em questão).

18 Parece não restar grande dúvida de que o autor italiano dialogava com a II Internacional, com Kautsky à cabeça, daí que a sua crítica atingisse em cheio alguns assumidos “marxistas” (cf., por exemplo, KAUTSKY, 1919, p. 106). Numa obra que visa dar pistas para a leitura de Gramsci – *Lire Gramsci* (1973) –, esta ideia é confirmada: «Era uma regra estabelecida uma vez por todas no espírito de cada um [dos socialistas mais reputados de então] que a revolução proletária, isto é, a tomada de poder e a apropriação da economia de um país, pelo proletariado, só se podia verificar no caso de ter havido, previamente, uma “revolução” burguesa, que, transformando as estruturas sociais e económicas, daria nascença ao capitalismo, favorecendo, assim, o aparecimento de um proletariado numeroso, que, a partir daí, poderia aspirar a uma revolução socialista.» (GRISONI; MAGGIORI, 1974, pp. 116-117). O que assoma irónico é o facto de o italiano acabar por sustentar uma ideia que acaba por não diferir suficientemente da II Internacional, uma vez que eles, mesmo que por motivos distintos, opunham igualmente *Das Kapital* à Revolução Russa.

19 Não ignoramos o longo historial de crítica desferida a Engels e da sua contraposição a Marx que vários autores procuram confirmar – entendem que foi ele quem postumamente fez de Marx um “etapista”. Todavia, estamos distantes de tal convicção. Reconhecendo, apesar disso, algumas questões menos esclarecidas em parte das suas obras. Se o autor, *prima facie*, descurou em *Der Ursprung...* a abordagem, por exemplo, do “modo de produção asiático”, o que pode dar a entender que o processo europeu é linear e equivalente para as demais nações (semelhante ao que vimos Stalin fazer noutra nota), já Marx não o fizera. Por agora, porque a levamos a sério, repetamos a seguinte advertência: «**Entretanto, ao reconhecer que os dois pensadores não eram irmãos siameses e que (como Engels reconhecia) Marx era o pensador mais profundo, deveremos manter-nos em guarda contra a tendência moderna de confrontar Marx com Engels, geralmente com desvantagem para o segundo.**» «However, while recognising both that the two men were not Siamese twins and that (as Engels recognised) Marx was much the greater thinker, we should beware of the modern tendency of contrasting Marx and Engels, generally to the latter’s disadvantage.» (HOBSBAWM, 1965, p. 53).

20 Não é por acaso que uma das autoras brasileiras mais conhecidas por refletir acerca da condição “periférica” da América Latina – Vânia Bambirra (1940-2015), exilada no Chile e posteriormente emigrada no México –, tenha afirmado o seguinte introduzindo a abordagem ao artigo de Gramsci: «[...] vamos a uma demonstração indiscutível da falta de rigor analítico do pensamento gramsciano.» (1993, p. 286). Apesar do que temos afirmado, não partilhamos a mesma acidez para com o italiano. Não obstante, é difícil deixar de estar de acordo com a autora: «Em que sentido a Revolução Russa pode ser considerada ‘a revolução contra *O Capital*’? Só no sentido da ignorância

ANTUNES, P. F. R. Marx, Das Kapital e a Revolução Russa. p. 23-45.



4 Dos escritos póstumos, aos ignorados, à Rússia

Gramsci pode encontrar-se desculpado por não conhecer alguns escritos de Marx (entre estes, sobre a própria Rússia), apenas publicados a partir da segunda e terceira década do século XX, mas já só é escassamente desculpado por não conhecer outros textos do alemão, por exemplo, de *Das Kapital* em mais do que uma das suas versões (não ficou esquecido o considerado na nota 2). Estes textos serão fundamentais para se compreender mais adequadamente o que são os ditos “cânones” em causa.

Antes de abordarmos os textos de Marx que já eram públicos, e que entendemos suficientemente esclarecedores para o presente confronto, vejamos concisamente alguns dos textos que ainda não se encontravam publicados no tempo em que o italiano escreveu o seu artigo.

Começemos por *Die deutsche Ideologie* (1845-6) – hoje considerada imprescindível para se compreender os fundamentos da conceção materialista da história, apesar de Marx e Engels não a terem terminado. Esta obra veio a público no princípio dos anos 30. Embora Gramsci tenha morrido posteriormente, relembra-se que o artigo que dele temos em análise é de 1918.

Nesta obra pode-se encontrar um excerto, entre outros, que poderiam lançar alguma luz sobre os factos atinentes à Rússia revolucionária de 1917 (reiteramos não se tratar de um “exercício de balofo anacronismo”). Marx e Engels escreveram:

Todas as colisões [*Kollisionen*] da história têm, de acordo com a nossa conceção, a sua origem na contradição entre as forças produtivas [*Produktivkräften*] e a forma de intercâmbio [*Verkehrsform*]. Não é, aliás, necessário que esta contradição tenha sido levada ao extremo num país para conduzir a colisões nesse mesmo país. A concorrência com países industrialmente mais desenvolvidos, provocada por um intercâmbio internacional ampliado, é suficiente para criar uma contradição semelhante também em países com uma indústria menos desenvolvida (por exemplo, o proletariado latente na Alemanha, feito surgir pela concorrência da indústria inglesa) (1978^a, p. 73²¹).

dessa obra e do método materialista-histórico de Marx e de suas análises (que não estão em *O Capital*) sobre as possibilidades do triunfo da revolução socialista na Rússia, que tanto Marx como Engels sustentaram em suas polémicas com os Narodniki. Uma interpretação benigna do texto de Gramsci poderia levar a interpretá-lo da seguinte forma: nele se encontra uma defesa do triunfo da revolução socialista num país atrasado como a Rússia, contra a crítica dos reformistas da II Internacional, como Kautsky e os mencheviques que, em nome da ‘ortodoxia’ marxista afirmavam que ela era inviável. [...] Com que procedência teórica – e política – pode Gramsci afirmar que *O Capital* “era na Rússia o livro dos burgueses”? Com nenhuma! Em *O Capital* não existe nenhum intento de demonstrar que há uma ordem *inexorável* de evolução do pré-capitalismo ao capitalismo e deste ao socialismo. *O Capital* é uma obra na qual se analisam as características básicas do modo de produção capitalista puro, num alto nível de abstração. São raras as considerações de Marx a respeito da revolução socialista e do socialismo, [...]» (*sublinhado da autora*, 1993, pp. 287-288).

21 «Alle Kollisionen der Geschichte haben also nach unsrer Auffassung ihren Ursprung in dem Widerspruch zwischen den Produktivkräften und der Verkehrsform. Es ist übrigens nicht nötig, daß dieser Widerspruch, um zu Kollisionen in einem Lande zu führen, in diesem Lande selbst auf die Spitze getrieben ist. Die durch einen erweiterten internationalen Verkehr hervorgerufene Konkurrenz mit



Ou seja, não era preciso que um país se encontrasse no máximo desenvolvimento do modo de produção capitalista para lidar com as suas consequências. Não era preciso percorrer todas as “etapas” históricas conhecidas. O mercado mundial que se desenvolvia apelava à ação recíproca (*Wechselwirkung*) entre todas as nações, e a “colisão” de umas com as outras provocava avanços e recuos que podiam permitir a dispensa das “dores de parto”, do *modus operandi*, do capitalismo (cf. MARX, 1962, p. 16)²².

Quanto aos *Grundrisse* (1857-8), estes manuscritos económicos foram elaborados como esboço para uma crítica à Economia Política, como tal, como preparação para o *Zur Kritik der Politischen Ökonomie* (1859) e *Das Kapital*. Os *Grundrisse* foram publicados na passagem dos anos 30 para os 40 do século XX.

Nestes manuscritos, Marx aborda o “modo de produção asiático” que escapa a uma suposta linearidade do escravagismo para o feudalismo e daqui ao capitalismo, bem como aborda a diversidade das “sociedades primitivas” e não uma suposta “sociedade única primitiva” (cf. 1983, *passim*)²³. O que permite compreender o maior alcance da conceção industriell entwickelteren Ländern ist hinreichend, um auch in den Ländern mit weniger entwickelter Industrie einen ähnlichen Widerspruch zu erzeugen (z. B. das latente Proletariat in Deutschland, durch die Konkurrenz der englischen Industrie zur Erscheinung gebracht).»

22 É o que entendemos voltar a encontrar a propósito da Rússia na seguinte passagem, inédita até aos anos 20 do século XX, mais precisamente entre os cortes que abaixo efetuámos: «Uma circunstância muito favorável do ponto de vista histórico à conservação da “comuna agrícola” [russa] pela via do seu desenvolvimento ulterior consiste em que ela não só é contemporânea da produção capitalista Ocidental [*production capitaliste occidentale*], podendo assim se apropriar dos frutos sem se sujeitar ao seu *modus operandi*, mas também sobreviveu à época em que o sistema capitalista se apresentou ainda intacto, em que ela o encontra, pelo contrário, na Europa Ocidental, assim como nos Estados Unidos, em luta com as massas trabalhadoras, com a ciência, com as próprias forças produtivas que engendra – numa palavra, ela [a comuna] encontra-o numa crise que terminará com a sua eliminação, com o retorno das sociedades modernas a uma forma superior de um tipo “arcaico” de propriedade e de produção coletivas. [...] ela pode trocar de pele sem precisar de se suicidar; ela pode assumir os frutos com que a produção capitalista enriqueceu a humanidade sem passar pelo regime capitalista [...]. *Porém* – Marx adianta –, *é preciso descer da teoria pura à realidade russa.*» - «Une circonstance très favorable, au point de vue historique, à la conservation de la “commune agricole” par voie de son développement ultérieur, c’est qu’elle est non seulement la contemporaine de la production capitaliste occidentale et puisse ainsi s’en approprier les fruits sans s’assujétir à son *modus operandi*, mais qu’elle a survécu à l’époque où le système capitaliste se présentait encore intact, qu’elle le trouve au contraire dans l’Europe occidentale aussi bien que dans les Etats-Unis en lutte et avec les masses travailleuses, avec la science, avec les forces productives mêmes qu’il engendre – en un mot dans une crise qui finira par son élimination, par un retour des sociétés modernes à une forme supérieure d’un type «archaïque» de la propriété et de la production collectives. [...] elle peut faire peau neuve sans commencer par se suicider; elle peut s’emparer des fruits dont la production capitaliste a enrichi l’humanité, sans passer par le régime capitaliste, [...] Mais il faut descendre de la théorie pure à la réalité russe.» (*sublinhados nossos*, 1985b, pp. 225-226). Esta reflexão encontra-se no 1.º esboço de uma resposta para a troca de correspondência entre Marx e Vera Zassoulitch (1849-1919) – autora que serviu como porta-voz de uma discussão que se passava na Rússia na passagem dos anos de 1870 para 80. Esta colocava como principal questão o confronto entre o capítulo 24 de *Das Kapital* e a realidade social russa: *que possibilidades havia para a “comuna rural” russa, como se poderia chegar ao socialismo se a nação não vivia o “avanço” do capitalismo Ocidental?* Marx escreve, então, quatro esboços para responder, nestes analisa cuidadosamente as condições da Rússia. O alemão acabou por enviar uma carta concisa, tendo em conta o esboçado, mas já de si profunda para a compreensão do capítulo em causa e não apenas.

23 Para uma sucinta reflexão acerca desta questão, cf. KRADER, 1980, e para uma maior

ANTUNES, P. F. R. Marx, Das Kapital e a Revolução Russa. p. 23-45.



do autor, isto é, de que a sua concepção não se queda numa perspetiva “unilinear”, enfim, “etapista”²⁴.

Para Marx, se a “comuna rural” russa estava ou não condenada a desaparecer, isso em nada vinha profetizado na sua análise da génese do regime capitalista, não vinha em lugar algum em *Das Kapital* ou noutros escritos da sua responsabilidade; para todos os efeitos, o precedente ocidental (*précédent occidental*), mesmo que o capitalismo se viesse a instalar, não provava nada (cf. MARX, 1985b, pp. 232 e 235).

Por conseguinte, não bastava analisar a partir de um ponto de vista teórico, era preciso “descer à realidade russa”, ou seja, atender às peculiaridades desta nação (por exemplo, além da existência de uma “comuna rural”, registava-se o crescimento dos “populistas” russos – Narodniki – e a ação política anti-czarista).

Vejamos, ao contrário de uma análise que pretenda escrutinar o geral de um modo de produção, no que concerne à relação de um, ou mais do que um, modo de produção com uma nação, as peculiaridades tornam-se decisivas (ainda que naquela análise não sejam descuradas, nem podiam ser, dada a importância da historicidade); é isto a investigação de uma formação económica da sociedade (*ökonomische Gesellschaftsformation*). E foi isso mesmo que na última década da sua vida o autor procurou fazer, o que é conhecido pelo seu estudo exaustivo – Marx aprendeu russo de propósito para este efeito²⁵.

Abordemos agora dois dos textos de maior relevo para o presente debate e que já se encontravam publicados à data em que Gramsci escreveu o seu artigo. É provável que as leituras do italiano tenham passado por comentários de quem os tivesse em conta, todavia, apesar de públicos eram infelizmente pouco conhecidos e comentados, e, outrossim, pouco compreendidos²⁶.

No final dos anos de 1870, Marx entrara numa polémica tendo a realidade russa como pano de fundo, havia quem – Nikolaï Mikhaïlovski (1842-1904) – deliberadamente o acusasse de uma “teoria histórico-filosófica da *marcha geral*” (*já aqui enunciada*), ou seja,

noção do estudo de Marx acerca de outros povos históricos, cf. MARX *apud* KRADER, 1974.

24 Atente-se ao modo como o revolucionário alemão critica a perspetiva da economia burguesa em relação ao desenvolvimento histórico: «*O chamado desenvolvimento histórico baseia-se sobretudo no facto de que a última forma considera as formas precedentes como etapas até si mesma, e as concebe sempre unilateralmente*, uma vez que [a economia burguesa] raramente critica a si mesma, o que é capaz apenas em condições muito determinadas – e aqui naturalmente não se trata daqueles períodos históricos que parecem a si mesmos como épocas de decadência» - «Die sog. historische Entwicklung beruht überhaupt darauf, daß die letzte Form die vergangnen als Stufen zu sich selbst betrachtet und, da sie selten und nur unter ganz bestimmten Bedingungen fähig ist, sich selbst zu kritisieren – es ist hier natürlich nicht von solchen historischen Perioden die Rede, die sich selbst als Verfallzeit vorkommen –, sie immer einseitig auffaßt.» (*sublinhado nosso*, 1983, p. 40).

25 Como disse uma das suas filhas em carta a Engels: «[ele] estuda russo “como se fosse uma questão de vida ou de morte”» - «Studies Russian ‘as if it were a matter of life and death’.» (Jenny MARX *apud* SAYER, 1983, p. 148).

26 Aqui talvez sirva uma “crua” ilustração de Shanin: «[...] na própria geração de Marx, havia marxistas que conheciam melhor do que Marx o que é o marxismo e estavam preparados para censurá-lo com astúcia, por sua própria causa.» - «[...] in Marx’s own generation there were marxists who knew better than Marx what marxism is and were prepared to censor him on the sly, for his own sake.» (SHANIN, 1983^a, p. 18).



do tal “esquema férreo” a todas as nações aplicável.

Marx responde então em carta ao diretor da revista russa *Otiechéstvennie Zapiski*, escrita em novembro de 1877, tornada pública em 1886²⁷. Nesta missiva o revolucionário alemão confirmava que de forma alguma as suas opiniões visavam um “esquema férreo” que ditasse o caminho dos esforços russos para o desenvolvimento do seu país, dado que este teria de ser diferente daquele pelo qual a Europa Ocidental transitara e continuava a transitar (cf. 1985a, p. 112). Quer dizer, na sua conceção não havia lugar para uma suposta “destinação comum”.

Marx partilhava da ideia de alguns revolucionários russos, de que a Rússia, ao contrário do que o seu crítico o acusava, «[...] pode, sem experimentar as torturas deste regime [capitalista], apropriar-se dos seus frutos, desenvolvendo as suas próprias condições históricas [ses propres données historiques].» (cf. 1985^a, p. 112²⁸), aliás, como já referido²⁹. Tratando-se, por conseguinte, de uma afirmação no sentido da diversidade (multilinearidade) nacional e do seu reflexo no desenvolvimento socioeconómico (cf. ANDERSON, 2007).

Completa-se agora a passagem iniciada em epígrafe³⁰— depois de Marx ter esclarecido que não tinha feito mais do que um “esboço histórico da génese do capitalismo na Europa Ocidental” e de se ter mostrado adverso a qualquer suposta “marcha geral”³¹ —:

Em diferentes passagens d’O *Capital*, eu faço alusão ao destino a que foram submetidos os plebeus da Roma Antiga. Em sua origem, haviam sido camponeses livres, cultivando cada qual a sua parcela de terra. No curso da história romana, eles foram expropriados. O mesmo movimento que os separou dos seus meios de produção e de subsistência implicou, não apenas a formação da grande propriedade fundiária, mas também a do grande capital monetário. E assim, numa bela manhã, haviam de ser encontrados, por um

27 Para uma proposta de que a carta teria sido escrita em 1878 em vez de 1877, cf. WADA, 1983, pp. 56-57.

28 «[...] elle puisse, sans éprouver la torture de ce régime, s’en approprier tous les fruits en développant ses propres données historiques.»

29 É claro que para o autor: «[...] se a Rússia continuar a seguir o caminho que vem seguindo desde 1861, perderá a melhor oportunidade jamais oferecida à história de um povo e, assim, sofrerá todas as fatais vicissitudes [péripiéties] do regime capitalista.» - «[...] si la Russie continue à marcher dans le sentier suivi depuis 1861, elle perdra la plus belle chance que l’histoire ait jamais offerte à un peuple pour subir toutes les péripiéties fatales du régime capitaliste.» (1985a, p. 115). Recorde-se que é isso que significa não poder “saltar” historicamente dentro das particularidades de cada modo de produção. É preciso não entrar nas mesmas “leis” para se proporcionar mais “facilmente” a possibilidade de “saltar” para algo “próprio”, “sem precisar de se suicidar”.

30 Agora na versão original: «Il lui faut absolument métamorphoser mon esquisse historique de la genèse du capitalisme dans l’Europe occidentale en une théorie historicophilosophique de la marche générale fatalement imposée à tous les peuples, quelles que soient les circonstances historiques où ils se trouvent placés, pour arriver en dernier lieu à cette formation économique, qui assure avec le plus grand essor des pouvoirs productifs du travail social le développement le plus intégral de chaque producteur individuel. Mais je lui demande pardon. (C’est me faire en même temps trop d’honneur et trop de honte.)» (MARX, 1985a, p. 116).

31 Aproveita-se para recordar que o autor na edição francesa de *Das Kapital*, na passagem já assinalada, no que concerne ao papel da Inglaterra coloca “esboço” (*esquisse*) em lugar de “forma clássica”, sem por isso lhe retirar o “papel principal”, mas deixando mais clara a natureza desse mesmo papel.

lado, homens livres despojados de tudo, exceto da sua força de trabalho [*force de travail*] e, por outro lado, para que explorassem este trabalho, os detentores de toda a riqueza adquirida. E o que aconteceu? Os proletários romanos transformaram-se não em trabalhadores assalariados, mas numa „*mob*” [ralé] de desocupados mais miseráveis que os antigos *poor white* do sul dos Estados Unidos, e junto com eles desenvolveu-se um modo de produção que não era capitalista, mas esclavagista. Assim, pois, eventos notavelmente análogos, mas que têm lugar em meios históricos diferentes levam a resultados totalmente distintos. Estudando separadamente cada uma dessas formas de evolução e, logo depois, comparando-as poder-se-á encontrar facilmente a chave [*clef*] deste fenómeno, mas nunca se chegará a ela mediante o passaporte universal de uma teoria histórico-filosófica geral cuja suprema virtude consiste em ser supra-histórica [*passee-partout d'une théorie historicophilosophique générale dont la suprême vertu consiste à être suprahistorique*] (MARX, 1985^a, pp. 116-117) ³².

Com isto, o autor alemão, não apenas parece rebater o facilitismo com que por vezes alguns teóricos olham para o desenvolvimento histórico – entendendo que circunstâncias análogas significam (mecanicamente) resultados análogos, caso contrário alguma coisa terá falhado na análise –, como a ideia de que uma “teoria histórico-filosófica geral”, “supra-histórica”, se pudesse oferecer como “chave” para analisar a generalidade do processo histórico.

Marx refere-se, por sua vez, a uma “chave” associada ao estudo, em alguns casos comparativo, de cada caso particular, donde retirar conclusões mais amplas, ao invés de se referir a “a” chave, tipo “chave-mestra”, pronta a abrir todas as possibilidades históricas (cf., por exemplo, BUEY, 2006, p. 194).

Mas o autor alemão rebate principalmente a acusação de que a sua própria teoria pudesse alguma vez ser entendida como tal (cf. BARATA-MOURA, 2013, p. 145 ss.), visto que sempre reconheceu possibilidades diversas mesmo em condições análogas (não confundir com a questão das “colorações diversas” dentro de um mesmo modo de produção, mesmo que também não deixe de reconhecer possibilidades diversas).

Para terminar o confronto com outros textos de Marx, abordemos finalmente o prefácio à edição russa de 1882 do *Manifest der Kommunistischen Partei*, de apenas duas

32 «En différents endroits du “Capital” j’ai fait allusion au destin qui atteignit les plébéiens de l’ancienne Rome. C’étaient originellement des paysans libres cultivant, chacun à son compte, leurs propres parcelles. Dans le cours de l’histoire Romaine ils furent expropriés. Le même mouvement qui les sépara d’avec leurs moyens de production et de subsistance impliquait non seulement la formation de la grande propriété foncière, mais encore celle de grands capitaux monétaires. Ainsi, un beau matin (il y avait) d’un côté des hommes libres, dénués de tout sauf leur force de travail, et de l’autre, pour exploiter leur travail, les détenteurs de toutes les richesses acquises. Qu’est-ce qui arriva? Les prolétaires romains devinrent non des travailleurs salariés, mais un „*mob*” fainéant, plus abjecte que les ci-devant *poor whites* des pays méridionaux des Etats-Unis, et à leur côté se déploya un mode de production non capitaliste, mais esclavagiste. Donc des événements d’une analogie frappante, mais se passant dans des milieux historiques différents, amenèrent des résultats tout-à-fait disparates. En étudiant chacune de ces évolutions à part et en les comparant ensuite, l’on trouvera facilement la clef de ce phénomène, mais on n’y arrivera jamais avec le passe-partout d’une théorie historicophilosophique générale dont la suprême vertu consiste à être suprahistorique.»



páginas, mas de imenso valor teórico (e histórico).

Aqui, Marx e Engels admitiam que a Rússia (bem como os EUA) na altura em que escreveram o *Manifest* (1848) servia de pilar à ordem europeia vigente (cf. 1978c, p. 575)³³. Contudo, dadas as convulsões sociais entretanto ocorridas, o panorama geral já não era mais o mesmo – nos anos 60 do século XIX foi abolida a escravatura e a servidão nos EUA e Rússia, respetivamente. Por exemplo, ambos consideram, depois do regicídio – trata-se do assassinato do czar Aleksandr II (1818-1881) –, que a Rússia passa a formar a vanguarda da ação revolucionária na Europa (cf. MARX-ENGELS, 1978c, pp. 575-576).

Porventura a passagem mais elucidativa para o que aqui vimos abordando se encontra no final do referido prefácio, aqui lê-se o seguinte:

Na Rússia encontramos, face à fraude capitalista em rápido florescimento e à propriedade fundiária burguesa que precisamente só agora se começa a desenvolver, mais de metade do solo na posse comum dos camponeses. Agora a questão é: poderá a *Obchtchina* [comunidade aldeã] russa, uma forma, ainda que fortemente minada, da antiquíssima posse comum do solo, transitar imediatamente para a [forma] superior da posse comum comunista? Ou, inversamente, terá de passar primeiro pelo mesmo processo de dissolução que constitui o desenvolvimento histórico do Ocidente? A única resposta a isto que agora é possível é esta: se a revolução russa se tornar o sinal de uma revolução proletária no Ocidente, de tal modo que ambas se complementem [*einander ergänzen*], a atual propriedade comum russa do solo pode servir de ponto de partida [*Ausgangspunkt*] a um desenvolvimento comunista (1978c, p. 576³⁴).

Hoje sabemos que a propriedade comum do solo como existiu na Rússia, no tempo dos dois autores, foi obliterada ainda antes dos processos revolucionários russos de 1905-6 e 1917. Conquanto, o fundamental aqui é que ambos conceberam a possibilidade (registre-se, não apenas neste texto) de um complemento revolucionário entre o “centro” mais “desenvolvido” e a sua “periferia”, juntando-se à possibilidade de “saltos” (*sprungweise*) históricos (cf. notas 21 e 22)³⁵.

33 O que leva biógrafos como David McLellan (1940-) a falar – exageradamente, quanto ao nosso entendimento – de um ódio quase patológico de Marx em relação à Rússia (*his almost pathological hatred of Russia*, 1995, p. 258).

34 «In Rußland aber finden wir, gegenüber rasch aufblühendem kapitalistischen Schwindel und sich eben erst entwickelndem bürgerlichen Grundeigentum, die größere Hälfte des Bodens im Gemeinbesitz der Bauern. Es fragt sich nun: Kann die russische Obschtschina, eine wenn auch stark untergrabene Form des uralten Gemeinbesitzes am Boden, unmittelbar in die höhere des kommunistischen Gemeinbesitzes übergehn? Oder muß sie umgekehrt vorher denselben Auflösungsprozeß durchlaufen, der die geschichtliche Entwicklung des Westens ausmacht? Die einzige Antwort hierauf, die heutzutage möglich, ist die: Wird die russische Revolution das Signal einer proletarischen Revolution im Westen, so daß beide einander ergänzen, so kann das jetzige russische Gemeineigentum am Boden zum Ausgangspunkt einer kommunistischen Entwicklung dienen.»

35 Por exemplo, numa carta de 2 de dezembro de 1856, Marx apresentava a Polónia como uma espécie de termómetro (*Thermometer*) da revolução, como sendo capaz de minar a reação russa (cf. 1978, p. 88). Mais tarde, Marx avançava o seguinte em carta enviada a Engels, a 29 de

ANTUNES, P. F. R. Marx, *Das Kapital e a Revolução Russa*. p. 23-45.



5 Notas finais: a Revolução contra o capital

Com vista a elaborar as notas finais, recapitulemos algumas ideias fundamentais da secção anterior. Com base no confronto dos escritos de Marx destacaram-se as subseqüentes teses, a partir:

do desenvolvimento do mercado mundial (capitalista), dada a ação recíproca entre nações, é possível proporcionarem-se “saltos” históricos;

do reconhecimento da diversidade das “sociedades primitivas”, e de processos paralelos como o foram o “modo de produção asiático”, é possível estabelecer-se fundamentadamente uma perspectiva multilinear;

do caráter peculiar de algumas nações esboroar-se qualquer hipótese de uma elaboração rigorosa de uma teoria que sustente uma “destinação”, “marcha”, “geral” e “comum” a todas as nações e que sirva como “a” chave para a compreensão do seu desenvolvimento (mesmo dentro de um mesmo modo de produção); e,

da ligação do “centro” e da “periferia” conceber-se a possibilidade (dialética) de uma revolução que os conjugue ou possa ter num ou noutro, conforme os períodos históricos, a dianteira para uma rutura.

Tudo isto escusa qualquer conceção “esquemática” que tudo subjugue num mesmo processo. O que se complementa com o que julgamos ter confrontado em *Das Kapital*.

Recordemos ainda que o objetivo do revolucionário alemão na sua obra principal não parece ter sido mais do que identificar, num elevado nível de abstração, as leis do movimento da economia e da sociedade, dado o modo de produção capitalista, descrever as suas conseqüências e denunciar as suas possibilidades. Marx fê-lo sem descurar a base histórica em que o capitalismo se desenvolveu.

Para o seu objetivo, é decisivo ter em conta que tal processo, em expansão ou não, toma como ponto de referência a Europa Ocidental e pressupõe, para efeitos de análise, um suposto mercado mundial totalmente desenvolvido. Em lugar algum foi dito que todas as nações seguem, ou devem seguir, o mesmo processo ³⁶.

Neste sentido, reiteramos que Gramsci falhou ao apontar a sua crítica à obra que abril de 1858: «O movimento de emancipação dos servos na Rússia parece-me tão importante, na medida em que indica o início de um desenvolvimento interno que pode contrariar a política externa tradicional do país.» - «Die Bewegung der Leibeignenemancipation in Rußland scheint mir wichtig, sofern es den Anfang einer innern Geschichte in dem Lande zeigt, die der traditionellen auswärtigen Politik desselben in die Quere I kommen mag.» (2003, p. 134). Atente-se ainda, para nos ficarmos apenas por estas passagens, ao que o autor disse sobre a Irlanda: «A classe trabalhadora inglesa nunca conseguirá nada antes de se livrar da Irlanda. A alavanca deve ser aplicada na Irlanda. É por isso que a questão irlandesa é tão importante para o movimento social em geral.» - «The English working class will never accomplish anything before it has got rid of Ireland. The lever must be applied in Ireland. This is why the Irish question is so important for the social movement in general.» (sublinhados do autor, 1988, p. 398, à falta do texto em alemão, traduzimos a partir da versão inglesa).

36 Como já dissemos, não quer dizer que não se encontrem nos textos do autor algumas passagens que deem a entender uma conceção “etapista”, o presente texto não pretende branqueá-lo. Todavia, a questão é bem mais profunda: à luz da sua conceção geral pode-se considerar Marx, ou alguma de suas obras, como “etapista”? Entendemos, como desejamos comprovado, que não.

ANTUNES, P. F. R. Marx, Das Kapital e a Revolução Russa. p. 23-45.



escolheu por causa do evento que o motivou – ao apresentar um caráter antagônico entre ambos. Assim, o italiano não parece ter feito melhor do que “metamorfosar” e “desonrar” Marx à la Mikhaïlovski (entre outros); ainda que não o pareça ter feito com “más intenções”, apenas terá faltado uma melhor contextualização, compreensão e conhecimento do que estava em causa.

Pode-se até dizer que os objetivos do autor italiano foram justos: refutar o “etapismo” vigente na II Internacional. Porém, ao contrário de outros autores que consideram diretamente o confronto entre Gramsci e os membros mais proeminentes daquela Internacional sem ter em conta as suas inconsistências (cf., por exemplo, ANNUNZIATO, 2011, p. 117; e, nota 10), entendemos que a sua solução (além da ironia assinalada, cf. nota 18) acabou (para não dizer que começou) duplamente falha: por um lado, no seu artigo (para não mencionar outros textos), o italiano acabou por exortar a uma solução de tipo “voluntarista” em detrimento das “determinações de tipo económico”, de um “economicismo”, que julgava encontrar enfatizadas, com direito de “exclusividade”, em Marx (cf. DÍAZ-SALAZAR, 1991, p. 44; não obstante, não terem sido estes seus supostos a estar aqui em causa); por outro, acabou por “deitar fora o bebé com a água do banho” – Marx, ou melhor, *Das Kapital*, “escoa pelo ralo” por causa das “asneiras” de alguns dos seus seguidores (esta sim, a consideração mais decisiva)³⁷.

Chame-se-lhe o que se quiser – “etapismo”, “determinismo económico”, “economicismo”, “evolucionismo social”, etc. – tudo isso parece contradizer o geral da obra de Marx. É por isso que a acusação parece proceder apenas se se o ignorar e por via de uma seleção pouco rigorosa de alguns dos seus excertos³⁸. Um “salto” histórico é sempre uma possibilidade (cf., a presente epígrafe, LENIN, 1979, p. 664, que, apesar de merecer mais apurada reflexão, terá de ficar para outra oportunidade; e, recorde-se a questão da mudança qualitativa, cf., por exemplo, MARX, 1962, p. 327).

Qualquer “necessidade fatal” encontra o seu lugar apenas dentro de um quadro geral de contradições desenvolvidas por um determinado modo de produção (o que não desatende, obviamente, a uma prévia análise das peculiaridades), determinado

37 Ademais, como assinalado por Bambirra: em que altura podia *Das Kapital* ser o livro dos burgueses, tendo em conta que denuncia da primeira à última página as condições de superação da sociedade burguesa? Neste âmbito também não se podem compreender declarações que apontam ao artigo do italiano uma proximidade interpretativa com os escritos de final de vida de Marx (cf. BUEY, 2014, p. 74), dado que o seu ponto de partida, para além de não ter *Das Kapital* realmente em consideração, mas a sua interpretação à época dominante, à sua maneira se imbui de um “voluntarismo” jamais presente nos diversos escritos de Marx (o que quer que seja “imaneente e vivificante” não poderia ser cripto-idealista).

38 Foi por causa dessa atitude que lhe é alheia, que Marx terá dito celebrenemente: «Tudo o que eu sei é que não sou marxista» (*Tout ce que je sais, c'est que je ne suis pas Marxiste, apud* ENGELS, 1967, p. 436; cf. BUEY, 2006, p. 196). O autor rebelava-se contra aqueles que se afirmavam seus seguidores e mais não faziam do que o distorcer. É caso para lembrar que tanto estudo sobre a Rússia já devia querer dizer alguma coisa, bem como a sua dedicação à “periferia”, mesmo que em momentos a aparentemente descurasse. Para o aprofundamento do pensamento do autor relativamente à “periferia”, ou às “margens” (*margins*), dos países “desenvolvidos”, cf. ANDERSON, 2010; revise-se a nota 35; e, para um estudo que demonstra a importância destas reflexões de Marx para a luta atual dos povos indígenas, cf. KEEFER, 2010.

historicamente, não mais do que isso. Mesmo isso é apenas “geral” (não como uma “marcha geral”) e não “imposto caso a caso”. E qualquer “cânone” não é mais do que um “ponto de partida” para uma análise do processo que não tenha pretensões de o ter já resolvido *a priori* ³⁹.

Os escritos sobre a Rússia coetânea ao autor também não se encontram contra *Das Kapital* ou contra a Revolução Russa; por seu turno, complementam a obra e lançam pistas para as subseqüentes revoluções (cf., por exemplo, SAYER; CORRIGAN, 1983, p. 91). Afinal, a Revolução não foi contra *Das Kapital*, ao invés, foi realmente contra o capital (cf., por exemplo, LENIN, 1978, p. 13), ainda que não estivesse local e completamente desenvolvido nas suas relações, já vimos que não era preciso ⁴⁰.

Enfim, o maior problema parece mesmo residir em todos aqueles autores que nos últimos cem anos se aproveitaram do artigo de Gramsci para desfiar as mais duras (e, entendemos, pouco rigorosas) críticas tanto a Marx, e a *Das Kapital*, como à Revolução Russa (e à generalidade das outras revoluções). Num caso o autor era/é apresentado como um férreo “esquemata”, “etapista”, e, noutro, a Revolução não lograva/logra cabimento histórico, era/é apresentada como uma aberração.

É chegado o momento de terminar, aludindo a uma última passagem do autor alemão e deixando (em jeito de provocação) duas questões: «[...] uma vez chegada ao coração do regime capitalista, ela [a Rússia] experimentará as suas impiedosas leis tal como os outros povos profanos.» (1985^a, p. 116 ⁴¹).

O que dirão os russos atualmente?

E o que dirão aqueles autores que persistem em não entender o que significa a

39 Aqui serve uma conhecida passagem de Engels: «A nossa concepção da história é, antes de tudo, uma diretiva para o estudo, não é nenhuma alavanca de construções *à la* hegeliana. A história toda tem de ser estudada novamente, as condições de existência das diversas formações sociais [*Gesellschaftsformationen*] devem ser investigadas em detalhe, antes de se tentar deduzir a partir delas os modos de ver políticos, de direito privado, estéticos, filosóficos, religiosos, etc., que lhes correspondem.» - «Unsere Geschichtsauffassung aber ist vor allem eine Anleitung beim Studium, kein Hebel der Konstruktion *à la* Hegelianertum. Die ganze Geschichte muß neu studiert werden, die Daseinsbedingungen der verschiedenen Gesellschaftsformationen müssen im einzelnen untersucht werden, ehe man versucht, die politischen, privatrechtlichen, ästhetischen, philosophischen, religiösen etc. Anschauungsweisen, die ihnen entsprechen, aus ihnen abzuleiten.» (1967, pp. 436-437).

40 Um “desenvolvimento desigual” entre nações não significa desigualdade em sentido quantitativo, ou seja, de que as nações estão separadas por graus e cabe apanharem-se umas às outras, ao invés, significa, qualitativamente, que na ação recíproca entre elas se joga uma interdependência em constante transformação. Considere-se, a propósito, a seguinte passagem de Lenin: «Se para criar o socialismo é necessário um determinado nível de cultura (ainda que ninguém possa dizer qual é precisamente esse determinado “nível de cultura”, pois ele é diferente em cada um dos Estados da Europa Ocidental), porque é que não podemos começar primeiro pela conquista, por via revolucionária, das premissas para esse determinado nível, e já *depois*, com base no poder operário e camponês e no regime soviético, pôr-nos em marcha para alcançar os outros povos?», (1979, p. 665, à semelhança de outros casos, faltou a possibilidade de confrontar com o original). Ou seja, não existe motivo justificável para se ficar à espera de se alcançar, por mera via quantitativa, o mesmo grau de desenvolvimento de outras nações.

41 «[...] et, après cela, une fois amenée au giron du régime capitaliste, elle en subira les lois impitoyables comme d'autres peuples profanes.»



expressão: “uma vez chegado ao coração do regime capitalista”, isto é, às respectivas “leis” de tal modo de produção”?



REFERÊNCIAS

ANDERSON, Kevin B. *Marx at the Margins: on Nationalism, Ethnicity, and Non-western*. Chicago-London: The University of Chicago Press, 2010.

ANDERSON, Kevin B. "Marx's late writings on Russia re-examined". *News & Letters*, vol. 52, n.º 5, October-November, 2007, pp. 5, 9.

ANDERSON, Kevin B. "The 'Unknown' Marx's *Capital*, Volume I: The French Edition of 1872-75, 100 Years Later". *Review of Radical Political Economics*, vol. 15: 4, 1983, pp. 71-80.

ANNUNZIATO, Frank R. "Gramsci's theory of trade Unionism". Green, Marcus E. (ed.). *Rethinking Gramsci*. New York: Routledge, 2011; pp. 112-146.

BARATA-MOURA, José. *Filosofia em O Capital. Uma Aproximação*. Lisboa: Editorial «Avante!», 2013.

BARATA-MOURA, José. *Ontologias da «Práxis» e Idealismo*. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.

BAMBIRRA, Vania. *A Teoria Marxista da Transição e a Prática Socialista*. Tradução de I. Martinazzo. Brasília, DF.: Editora Universidade de Brasília, 1993.

BLUNDEN, Andy (ed.). "Stagism". *Marxists Internet Archive Encyclopedia*, 1999-2008. Disponível em: <<https://www.marxists.org/glossary/terms/s/t.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

BUEY, Francisco Fernández. "Marx y los marxismos. Una reflexión para el siglo XXI".

BORON, Atilio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (comp.). *La teoría marxista hoy: problemas y perspectivas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2006; pp. 191-208.

BUEY, Francisco Fernández. *Reading Gramsci*. Translated by Nicholas Gray. Leiden/Boston: Brill, 2014 (*Leyendo a Gramsci*. Barcelona: El Viejo Topo, 2001).

DÍAZ-SALAZAR, Rafael. *El proyecto de Gramsci*. Barcelona: Anthropos; Madrid: Hoac, 1991.

ENGELS, Friedrich. "Brief a C. Schmidt in Berlin, London, 5. Aug. 90". *Marx-Engels Werke* (Doravante: MEW). Berlin: Dietz Verlag, 1967; vol. 37, pp. 435-438.

FIORI, Giuseppe. *Vita di Antonio Gramsci*. *L'Unita/Laterza*, 1991 (1966).

FUSARO, Diego. *Antonio Gramsci*. Milano: *Giorgio Feltrinelli Editore*, 2015.

GRAMSCI, Antonio. *La Rivoluzione contro il Capitale*. Pubblicato sull'*Avanti* il 24 novembre 1917 e su *Il Grido del Popolo* il 5 gennaio 1918. Disponível em: <<https://www.marxists.org/italiano/gramsci/17/rivoluzionecontrocapitale.htm>> (ultima modifica 01-02-2013). Aces-

ANTUNES, P. F. R. *Marx, Das Kapital e a Revolução Russa*. p. 23-45.



so em: 10 jul. 2017.

GRISONI, Dominique; MAGGIORI, Robert. *Ler Gramsci*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1974 (*Lire Gramsci*. Paris: Éditions Universitaires, 1973).

HOBBSAWM, Eric. "Introduction" (1964). MARX, Karl. *Pre-Capitalist Economic Formations*. New York: International Publishers, 1965.

KAUTSKY, Karl. *Terrorismus und Kommunismus. Ein Beitrag zur Naturgeschichte der Revolution*. Berlin: Verlag Neues Vaterland, 1919.

KEEFER, Tom. «Marxism, Indigenous Struggles, and the Tragedy of "Stagism"». **Upping the Anti**, n.º 10, 2010. Disponível em: <<http://uppingtheanti.org/journal/article/10-marxism-indigenous-struggles-and-the-tragedy-of-stagism/>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

KRADER, Lawrence (ed.). «The Asiatic Mode of Production». *International Journal of Politics*, vol. 10, n.º. 2/3, Rudolf Bahro: *Critical Responses* (Summer), 1980, pp. 99-128.

KRADER, Lawrence. *The Ethnological Notebooks of Karl Marx*. 2nd. Ed. Assen, The Netherlands: Van Gorcum & Comp. B.V., 1974 (1972).

LENIN, Vladimir. "Sobre a Nossa Revolução (A Propósito das Notas de N. Sukhánov)". *Obras Escolhidas em Três Tomos* (Doravante OE). Lisboa-Moscovo: Edições «Avante!»-Edições Progresso, 1979 (1923); tomo 3, pp. 663-665.

LENIN, Vladimir. "Sobre as Tarefas do Proletariado na Presente Revolução". OE, 1978 (1917); tomo 2, pp. 11-16.

MARX-ENGELS. *Die deutsche Ideologie. Kritik der neuesten deutschen Philosophie in ihren Repräsentanten Feuerbach, B. Bauer und Stirner, und des deutschen Sozialismus in seinen verschiedenen Propheten*. MEW, 1978a (1845-6); vol. 3, pp. 9-530.

MARX-ENGELS. "Vorwort zur deutschen Ausgabe von 1872". *Manifest der Kommunistischen Partei*. MEW, 1978b; vol. 4, pp. 573-574.

MARX-ENGELS. "Vorrede zur russischen Ausgabe von 1882". *Manifest der Kommunistischen Partei*. MEW, 1978c; vol. 4, pp. 575-576.

MARX, Karl. "À la rédaction de l'*Otichéstvennie Zapiski*". MEGA². Berlin: Akademie Verlag GmbH, 1985a (1877); I, vol. 25, pp. 112-117.

MARX, Karl. "Brief an Engels in Manchester [London] 2. Dezember 1856". MEW, 1978; vol. 29, pp. 88-90.

MARX, Karl. "Brief an Engels in Manchester, London, Donnerstag, 29. April 1858". *Marx-Engels-Gesamtausgabe* (Doravante: MEGA²). Amsterdam: Internationalen Marx-Engels-Stiftung, 2003; III, vol. 9, pp. 134-135.

ANTUNES, P. F. R. Marx, Das Kapital e a Revolução Russa. p. 23-45.



MARX, Karl. Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie, MEW, 1962 (1867); vol. 23.

MARX, Karl. Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie. MEW, 1983 (1857-8); vol. 42.

MARX, Karl. Le Capital. Traduction de M. J. Roy, entièrement révisée par l'auteur. Paris: Éditeurs, Maurice Lachatre Et C^{ie}, 1875.

MARX, Karl. "Letter to Engels in Manchester, London, 10 December 1869". Marx-Engels Collected Works. London: Lawrence & Wishart, 1988; vol. 43, pp. 396-399.

MARX, Karl. "Lettre à V. Zassoulitch (Premier projet, deuxième projet, troisième projet, quatrième projet)". MEGA², 1985b (1881); I, vol. 25, pp. 216-242.

McLELLAN, David. Karl Marx: A Biography. London: Papermac, 1995 (1973).

MORGAN, Lewis Henry. Ancient Society; or, Researches in the lines of Human Progress from Savagery, through Barbarism to Civilization. Calcutta-New Delhi: K. P Bagchi & Company, 1982 (1877).

SAYER, Derek; CORRIGAN, Philip. "Late Marx: continuity, contradiction and learning". SHANIN, Teodor (ed.). Late Marx and the Russian Road. Marx and the peripheries of capitalism. New York: Monthly Review Press, 1983; pp. 77-94.

SAYER, Derek. "Marx after Capital: a biographical note (1867-1883)". SHANIN, Teodor (ed.). SHANIN (ed.). Late Marx and the Russian Road. 1983; pp. 142-171.

SHANIN, Teodor. Late Marx: gods and craftsmen. SHANIN (ed.). Late Marx and the Russian Road. 1983a; pp. 3-39.

SHANIN, Teodor. "Marxism and the vernacular revolutionary traditions". SHANIN (ed.). Late Marx and the Russian Road. 1983b; pp. 243-279.

STALIN, Josef. "Sobre o Materialismo Dialéctico e o Materialismo Histórico". Arquivo Marxista na Internet (MIA). Tradução de Fernando A. S. Araújo, 1945. 1938. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/stalin/1938/09/mat-dia-hist.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

WADA, Haruki. "Marx and revolutionary Russia". SHANIN (ed.). Late Marx and the Russian Road. 1983; pp. 40-75.

WILLIAMS, Gwyn A. Proletarian Order: Antonio Gramsci, Factory Councils and the Origins of Communism in Italy, 1911-1921. London: Pluto Press, 1975.



© Autor, com identificação do direito de primeira publicação da Revista Kalagatos.

ANTUNES, Paulo Fernando Rocha. Marx, Das Kapital e a Revolução Russa: notas a partir de "La Rivoluzione contro il Capitale" de Gramsci. **Kalagatos**, Fortaleza, v. 14, n. 3, set.-dez., 2017, p. 23-45.

ANTUNES, P. F. R. Marx, Das Kapital e a Revolução Russa. p. 23-45.

